

# SUBSÍDIOS PARA A CONSTITUIÇÃO DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS

A.D 2020



## CAPÍTULO VII DAS CONSTITUIÇÕES A NOSSA VIDA DE PENITÊNCIA

A origem da espiritualidade franciscana, a da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, se caracteriza do ideal e da prática da penitência. Na página seguinte nós tentaremos aprofundar o significado do termo “penitência” para a luz da nova Constituição da Ordem. Para facilitar a leitura e a meditação podemos agrupar o conteúdo em três pontos fundamentais.

### **1. PENITÊNCIA E CONVERSÃO**

As constituições apresentam, desde o princípio, um elo explícito entre conversão e penitência, assumindo a proposta do Novo Testamento: “Jesus Cristo, anunciando o Evangelho do Reino, pediu penitência aos homens, ou seja, uma mudança total de si mesmo. Tal transformação comportava em pensar, julgar e modelar suas vidas segundo a santidade e no amor de Deus que se manifesta em seu Filho”. Esta adesão requer da pessoa o reconhecimento do próprio pecado e a busca do perdão, no empenho constante de orientar sua vida segundo as instâncias do Evangelho, segundo o Mestre: “Converte-te e crês no Evangelho”, um pedido que adquire uma plasticidade eloquência na parábola do Filho pródigo. Muitos são as provas do Evangelho no qual a penitência, entendida como conversão, aparece em estreita relação com a vida do discípulo de Cristo.

Jesus, na pregação do Reino, convidou os seus discípulos a dar uma resposta de fé e conversão: assim a nova comunidade messiânica foi estabelecida, na qual a Igreja tem suas raízes, e, conseqüentemente, também a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

A conversão nasce da graça de Deus, assim considerou Francisco de Assis: “O Senhor concedeu a mim, frei Francisco, para começar a fazer penitência”. Se o Senhor concede a fazer penitência, essa é em primeiro lugar uma graça, uma expressão de sua misericórdia e não é reconhecimento do mérito do ser humano. É um fruto da gratuidade de Deus e não é resultado do esforço do cristão. É o próprio Deus, no Verbo encarnado, que se aproxima do homem e abre a possibilidade de ser e sentir-se novamente filho do Pai. Isto é, envolve) mudar radicalmente a maneira e a direção de toda a vida nos motivos, atitudes e objetivos mais íntimos. É uma transformação da pessoa a partir da raiz. Ou seja, um arrependimento total para se orientar e reorganizar-se segundo o critério do Reino de Deus, que implica uma nova hierarquia de valores. Uma mudança fundamental do modo de pensar, sentir e agir. Consiste em educar e ordenar a vida segundo o estilo de Jesus para alcançar a conformação com Ele. O Filho do Pai nos exortou a voltar para Deus, mas para fazê-lo agora: assim é um chamado eminente e urgente, uma vez que está orientada para a vinda do Reino. Devemos dar ao Senhor a prioridade absoluta, reconhecendo-o como Senhor e Pai. Tudo isso comporta uma ruptura com a vida anterior para assumir um novo estilo no pensamento, no sentir e no agir. A resposta a esse chamado ao Reino de Deus pressupõe também a fé, mas uma fé firme e segura, isto é, uma fidelidade inabalável em Deus. O Batismo confirmação sela esses dois pilares fundamentais da vida cristã, e na vida consagrada será, portanto, uma radicalização da vocação cristã originária: “Isso converge em uma nova criatura, que inicia com a fé e o Batismo, requer um esforço contínuo, através do qual renunciamos a nós mesmos. A vida de penitência conduz e encoraja o frade menor a renunciar a si mesmo, guiando-o nos longos caminhos da sua jornada em direção a alteridade, entendida como uma saída de si mesmo e do século, ou seja, círculo (vicio) da carne e dos critérios do mundo. Esta ideia é mais aprofundada no ponto seguinte:

#### **a. Penitência e processo**

A vida de penitência é um processo que há um início, mas não há um término (prazo). O percurso não é orientado para um fim ou um objetivo, mas sim como uma plenitude. É assim que Francisco de Assis entende quando usa, em seus escritos, expressões conjugadas ao gerúndio: “vivendo”, “prometendo”, etc. Esta é uma característica do processo de conversão do frade menor e da proposta evangélica. Em cujo objetivo não é a meta, mas o caminho, em que consiste a dimensão escatológica da vida de penitência, que guarda uma direta relação sublime e, contextualmente e completamente responsável do momento presente. A penitência, assim, é um processo que envolve toda a vida do crente, que neste modo colabora com o plano de salvação, com a vida e a missão da Igreja e com a humanização de toda a estrutura social.

Em seu testamento, Francisco de Assis afirma que o Senhor o “concedeu a fazer penitência”. Esta ação implica em grande dinamismo, porque indica que a penitência não é um episódio que conclui a história, um momento isolado ou uma situação estática. O começo (a via) pressupõe um prosseguimento, uma continuidade. Francisco a concebia como uma força dinâmica que induzia ao abandono permanentemente do pecado (procurar-se por si mesmo) e a retornar ao Senhor que chama incessantemente. A penitência assim é uma condição da vida cristã caracterizada de um processo seguido de um início, uma persistência e um fim. É um itinerário que vem seguindo toda a existência da pessoa, e que há uma função mediadora por conquistar a vida eterna, momento no qual a conversão não será mais necessária que você desfrute de todo

processo do amor. Este particular aspecto da penitencia como início permanente, se exprime existencialmente na palavra que Thomas de Celano, o primeiro biografo de São Francisco, atribui ao Santo depois daquele evento culminante que foi a estigmatização no Verna. Em efeito, o biografo afirma que apesar de que naquele momento o Pai “já estava enriquecido com todas as graças diante de Deus e resplandeceu por suas santas obras diante dos homens, pensou em empreender uma lareira da mais alta perfeição... e mesmo tendo que temperar o velho rigor necessariamente devido à doença, disse: vamos começar, irmãos, a servir ao Senhor Deus, porque até agora tivemos pouco ou nenhum lucro!”.

### **b. Penitencia e disposição do coração**

A penitência é uma disposição do coração que, a sua volta, se concretiza na prática: “A penitência, como êxodo e conversão, é uma atenção do coração que requer uma manifestação da vida externa cotidiana, que deve ser seguida de uma verdadeira transformação interior”. Existe uma ligação indissolúvel entre o interno e o externo. O ponto de partida é o coração do frade menor que deve ter uma disposição para poder viver a vida evangélica. A disponibilidade permite de acolher o dono da graça e de render-lhe eficácia. A partir desta perspectiva se compreende que a penitência é um longo e lento caminho de êxodo e conversão, exige que cada frade cuide e cultive o dom recebido. Entrando no âmbito da autoformação, do qual o frade é individualmente responsável, que é chamado a ter uma atenção vigilante e propositivo. Afirmar que o ponto de pertença é a pessoa abre diversas perspectivas: de um lado se delinea um objetivo positivo e rico e do outro uma tarefa árdua e estimulante. Cada pessoa é diferente e isso envolve aprender a ser paciente com o processo que cada um realiza, mas no mesmo é necessária uma comunhão e ideal para orientar positivamente o caminho e evitar qualquer tipo de justificação ou paralisia.

O âmbito da penitencia envolve, portanto, duas esferas: o interno e a externa. A conversão como ato interior, é o movimento do coração que em muitos casos se encontram e concretizam seu complemento no sacramento da reconciliação enquanto, em outros, encontra a expressão na penitência como mortificação, isto é, nos sinais externos que revelam uma mudança moral. Esta logica reciproca do interno a externo permite de viver a vida na penitencia no modo alegre e dinâmico.

### **c. Penitência e cruz**

A penitencia é uma graça e um ponto de pertença da vocação. Ou seja, não comporta que seja entendida ou assumida somente como requisito do primeiro momento de conversão, quando considerada que é uma opção permanente da vida cristã. Tal aspecto e expresso na letra que Francisco direciona a todos os frades da Ordem no qual, exortando-os a recitarem o oficio divino segundo a regra, utiliza uma das expressões mais incisivas de todo o seu escrito: “Aqueles frades, que não querem observas essas coisas, eu não os mantenho católicos, nem meus frades, e nem quero vê-los, nem falar com eles, até que tenhamos feito penitencia”. A convicção que se trata de uma condição de vida era uma coisa firme na mente do santo, que em uma de suas exortações não hesita a colocar a penitencia ao lado dos sábios e dos bem-aventurados que dão glória a Deus.

A vida do frade menor, assim, consiste em uma verdadeira e própria prática para encarnar melhor o valor evangélico. A consequência direta e concreta recomendada das Constituições, é que “a nossa vida seja compatível ao preceito evangélico da penitência, e, portanto, que ele seja simples e parcimonioso em tudo, como convém ao pobre. Em efeito, o estilo de vida do pobre é uma referência para a vida de penitência do frade, sendo sublinhados dois pontos importantes no texto: “simples e poupado”. O fundamento da prática e pessoal e comunitária da mortificação é a paixão e morte de Cristo, que educa o sentimento e a ação do frade. Se considerar o exemplo de São Francisco de Assis e de todos os santos da Ordem, que encarnaram de modo excepcional o carisma da vida evangélica que Deus deu a Igreja: “O penitente franciscano deve distinguir-se sempre por uma caridade delicada e afetuosa e pela alegria, como o nosso Santo, rígido consigo mesmo, mas pleno de bondade e de respeito pelo próximo. Toda a sua vida mostra com transparência a presença de Deus, tornando-se assim um lugar de formação para os frades. A mortificação, primeiro deve ser um dever, é uma opção gratuita que nasce da intimidade de todos os frades: “Memória da Paixão de Cristo”, no exemplo de São Francisco e nossos santos, praticamos até a mortificação voluntária, moderando-nos voluntariamente na alimentação, no beber e no divertimento, para tudo testemunhar a nossa condição de exilados e peregrinos. Tudo deve exprimir o status de estrangeiros e peregrinos, porque o frade menor é um homem que estando irradiando um objetivo futuro e que ordenam suas opções imediatas, grande e pequena, em perspectiva da felicidade futura. A penitência de certo ponto de vista, pode ser entendida apenas pela automação do crente: que cresce na vida de fé, deve crescer também na vida de penitência e que persevera em um, também perseverar no outro.

#### **d. Penitência e novidade de vida**

Quando Francisco fala de penitência, recorre muitas vezes a ideia de perseverança. Na verdade, RegNB contém uma exortação que os frades deviam utilizar na pregação: “Bem-aventurados os que morrem em penitência, porque entraram no Reino dos céus. Ai daqueles que não morrem na penitência, porque serão filhos do diabo (1Gv 3,10) cujos trabalhos eles fazem (crf Gv 8,41) e eles irão para o fogo eterno (Mt 18,8; 25,41). A antítese entre os que morrem e os que não morrem em penitência tem valor por seu caráter escatológico. Porque perseverando nessa parte, abre a porta do Reino dos céus aos filhos de Deus, enquanto não o fazer conduz para ser “filho do Diabo”. Esta contraposição acentua o dinamismo que a vida de penitência possui no pensamento de Francisco, porque não pode ser um momento esporádico da vida, mas deve caracterizar toda a existência até a morte. A vida de penitência, assim, não consiste em fazer penitência, mas em ser penitentes, não reduzindo a conversão em uma mera ação especulativa, para um simples exercício mental, para um raciocínio, mas traduzindo-a em uma ação que de frutos, isto é, uma ação concreta que testemunhe o caminho em direção ao Reino de Deus.

Em mérito a espiritualidade franciscana, se pode afirmar que, a vida é um percurso da sustentação do viver permanente contínuo. Sentir-se no caminho e ser orientado, projetar-se e avançar, prosseguindo em direção a felicidade, tendo confiança no resultado final da própria vida. O autor do salmo 139, nota que, mesmo querendo fugir, em realidade se move direto a Aquele do qual está tentando fugir. E se percebe, oprimido, que não é capaz de fazer um caminho, que se afasta da presença de Deus,

pois toda a vida é um caminho para Ele e com Ele. Pense em Israel, que viveu o dom de ser guiado e conduzido pelas estradas da terra, como nas asas protetoras de uma águia. Da mesma maneira, quando o frade menor reconta a sua história como uma jornada em direção a Deus, está fazendo uma confissão de fé, desde que lhe foi dado ver o filho de Deus e anúncio do Reino. A estrada, às vezes, esconde a supressa da graça no paradoxo de uma viagem inesperada que anula nossos planos, em um evento que nos deixa desorientados e perdidos, sem saber onde estamos agora, para onde vamos, sem referências pessoais ou fraternas, sem entender porque fazemos o que fazemos, e, como estamos vivendo o que vivemos. Quem se atreve, seguir em frente, mesmo perplexo, e continua a procurar sem perder a cabeça, está confirmando, em cada um de seus passos, que confia em alguém que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Nesse sentido, a vida de penitência pode ser definida como o amor que procura, isto é, como o amor que está sempre a caminho: “Com dor no coração pelos nossos pecados e pelos dos outros, e desejosos de caminhar num novo modo de vida, realizamos obras de penitência, adaptando-as em todo o caso às mentalidades segundo os lugares e os tempos”.

## **2. Penitencia e vida ascética**

Francisco queria que seus frades fossem homens penitentes, que vivessem em constante processo de conversão. O exercício de penitência contribuía para reduzir o modo de pensar, sentir e agir, isto é, implica uma dimensão ascética, que há um valor pedagógico, em que pretende alcançar a verdadeira imagem do homem novo na santidade: “Praticando, portanto, o jejum, a oração e a ação de misericórdia, que se conduz a liberdade interior e se abre para o amor de Deus e ao próximo.

O dinamismo da alteridade e da ascese, que é característica da tradição da Ordem, contribuem para alcançar isso. No entanto, alguns atribuem ao termo “ascetismo” o significado negativo fuga do mundo a partir de uma valorização negativa da corporalidade que encoraja prática danosa para o corpo. Em outro ponto, sendo entendido como renúncia ao prazer, promoção da mortificação e sacrifício pessoal, exorta a controlar o apetite desenfreado e excessiva atração pelo prazer e alegria. Na realidade, uma visão saudável do ascetismo é bem longe desses preconceitos. Não se trata de limitar, controlar e cancelar, mas sim de explorar, expandir e discernir. O ascetismo, entendido como prática e exercício, e não como busca da perfeição, traz luz e direciona em um modo construtivo e o potencial de ser humano, ajuda a discernir e incarnar o instinto de dominar, consumir e possuir, enquanto faz prosperar as pessoas de bem decidir sobre o amor, a justiça, a miséria, a humildade e a caridade. Nesse sentido, é possível libertar o termo ascetismo da associação negativa que isso pode evocar, porque compreende e associa significativamente uma grande variedade de práticas, atitudes e esforço que o frade Menor é chamado a viver. A ação do Espírito Santo e o constante exercício da penitencia contribui a estabelecer uma relação saudável e equilibrada consigo mesmo, com Deus, com o outro, com a criação e sobretudo com o pobre; tudo isso vem canalizado na construção da fraternidade evangélica universal. Francisco praticava a penitencia e queria isso para os frades. Essa pregação primitiva (primeira) era caracterizada de dois elementos fundamentais: o convite para louvar e fazer penitencia. Apresentou também uma coerência existencial, porque a palavra proclamada refletia e sintetizava a vida do frade. É por isso que, as

Constituições, enquanto contemplam a figura de Francisco aconselham: “Com grande fervor do Espírito e de alegria, da mente impôs sua vida segundo as beatitudes do Evangelho, praticou incessantemente a penitencia, animando os homens com ação e com a palavra a carregar a cruz de Cristo, e queria que seus frades fossem homens de penitência”. A prática e a pregação da penitencia, elas só podem ser compreendidas a partir da alegria e da alegria que surgem da consciência das obras de Deus em cada um de seus filhos. Isso é o elemento constitutivo desta que, conhecemos como a verdadeira alegria, que é a participação ao mistério Pascal de Cristo: “com tal empenho, completando em nós o que falta aos sofrimentos de Cristo, participamos da vida da igreja, santa e sempre carente de purificação, e favorecemos na unidade da família humana na caridade perfeita, promovendo o advento do Reino de Deus”. Nesse sentido, a penitencia nas Constituições dos capuchinhos é vista de diversos ângulos e nos se refere a uma fé conceitual e abstrata, mas adquire grande concretude igual a pessoa de Jesus Cristo. A RnB nos oferece uma dimensão muito original de penitencia e surpreendentemente atual, uma vez que não se pretende uma atividade de auto aperfeiçoamento, mas, sobretudo, uma virtude social: “E nós te agradecemos, porque teu próprio filho voltará na glória de seu Mestre para distinguir os réprobos, que não fizeram penitência e não te conheceram, para o fogo eterno, e para dizer a todos aqueles que te conheceram e te adoraram e te serviu na penitência: Venham, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde a criação do mundo (cf. Mt 25,34).

Como é possível observar, o texto se refere diretamente ao julgamento escatológico em que Jesus Cristo se identifica com os famintos, os sitiados, os prisioneiros, etc. o conceito de penitência, tanto quando é praticado como quando não é empregado, está relacionado com o conhecimento do Filho. De fato, no texto, a práxis da penitência é acompanhada não só pelo conhecimento do Filho, da adoração e serviço do mesmo. É interessante notar as sucessões dos verbos usados por Francisco na parte positivas: “ti conhecemos, te adoramos e te servimos”. Conhecer, adorar e servir o Filho na penitencia equivale, a conhecer, adorar e servir aqueles que são marginalizados devido à fome, pobreza ou falta de liberdade. A luz deste texto, a penitência não se reduz a uma pratica individualista, que, portanto, é quase sempre ilusória, mas, pelo contrário, tem um profundo impacto social, à medida que nela comporta um esforço para conhecer Jesus Cristo e por ter agrado de servi-lo no pobre e no marginalizada da sociedade. A própria concepção de penitência é reconhecível no encontro de Francisco com o leproso, que ele mesmo afirmava causar-lhe repugnância quando estava em pecado, mas quando: “O Senhor mesmo me conduziu até eles, usando de misericórdia” o que antes parecia amargo, “me foi mudando em doçura de mente e de corpo”.

Segundo o pensamento de Francisco, um dos aspectos mais importantes da penitencia é constituído em dar frutos. Isto significa que não é possível concebê-la como uma virtude intimista, mas deve manifestar-se através de sinais que tornam credível quem afirma praticá-la. Além do mais, essa é uma pratica que envolve e interpela a responsabilidade de toda a fraternidade: “Interrogamo-nos a luz do Evangelho, pessoalmente e em fraternidade, sobretudo no capítulo local, sobre nosso estilo de vida e sobre nossas escolhas: sejamos sempre uma expressão de um caminho de conversão comunitária”.

Desse ponto de vista, a Constituição propõe o seguinte ponto:

### **a. Caridade e alegria**

Na vida de penitência há no seu fundamento o amor de Deus manifestado em Cristo. No Filho dileto, morto e ressuscitado, o amor alcançado ao máximo da caridade. Na escola de meditação e contemplação da paixão e cruz e Cristo, elemento característico da tradição capuchinha, os frades adquirem as entranhas de misericórdia e compaixão: “O espírito de penitência e uma vida austera é característica peculiar de nossa Ordem; nós de fato, no exemplo de Cristo e de São Francisco, escolhemos o caminho estreito do Evangelho. A beleza da penitência está no doar e oferecer a vida e não só em autoperfeição ou no ascetismo pessoal. A beleza do frade penitente está, em fato, na misericórdia e na compaixão, "como nossos santos, rígidos consigo mesmos, mas cheios de bondade e respeito para com os outros".

### **b. As obras de penitência**

A vida de penitência e a prática da penitência geram felicidade. Ser unificado em um nível espiritual, racional e existencial gerando coerência, que ao contrário da divisão e fragmentação, conduz a uma experiência de uma vida alegre e livre. Nesse sentido, o ascetismo da penitência é um elemento pedagógico que se exprime muito bem na recomendação da prática: “Oferecemos assim pela nossa salvação e de todos que estão na pobreza, os humildes e agruras da vida, o trabalho a ser feito com fidelidade todos os dias, na disponibilidade do serviço a Deus e ao próximo e impregnado a cultivar a vida fraterna, o peso da doença e dos anos e também perseguições pelo rei de Deus. Como, sofrendo com o que sofre, possamos sempre aproveitar nossa conformidade para Cristo. Esses elementos não refletem uma ideia rígida que procura apenas a perfeição de si mesmo, mas é uma ocasião e um ponto de pertença para a realizar o mandamento do amor e da vida em conversão. A vida de penitência é uma resposta de amor: “primeiro de tudo recordamos que na nossa vida inteira dedicada a Deus é uma ótima forma de penitência” e por esse motivo só pode ser incluída a partir da alegria e liberdade. Participando e celebrando a páscoa de Cristo reproduzindo o movimento misericordioso de Deus manifestado na *Kenosis* da encarnação e da cruz, fundamento e princípio da vida em penitência.

### **c. Algumas práticas penitenciais**

Cristo, filho dileto, e enviado do pai. No início de sua missa, guiado pelo Espírito Santo, jejuou-o no deserto: “Cristo Senhor, recebeu a missa do Pai e guiado pelo Espírito santo, jejuou-o no deserto quarenta dias e quarenta noites”. Francisco, discípulo fiel, assumiu o jejum e a oração como espaço de formação e encontro com Deus. Na prática da vida de penitência existem três elementos extremamente ligados: o jejum, a oração e a ação da misericórdia. Esses são elementos que caracterizam o ascetismo cristão e é ordenado para a formação e para a doação da pessoa. Aqui estão algumas considerações importantes sobre esses aspectos fundamentais:

- Jejum: esta prática é incluída na sequência do Cristo como elemento concreto que permite ao frade menor gerar o sentimento do Filho, em particular a primazia de Deus e a compaixão com aqueles que sofrem todo tipo de fragilidade. O objetivo é ajudar o frade a sair de si mesmo, sair ao encontro dos outros para ser levado pela mão

do Mestre no serviço e na dedicação ao próximo. Quando a pessoa se coloca no centro, tudo gira em torno dela, alimentando egocentrismos, auto referências, incapacitando-a de ver e escutar o choro do próximo e a voz de Deus. À luz da palavra de Deus, o jejum e as outras práticas de penitência, podem adquirir um grande significado que podem ajudar a corrigir algumas atitudes típicas da atual cultura do consumo, na medida em que se opõe ao individualismo e favorecem a gratidão, a solidariedade e a redescoberta da beleza.

- Oração: a verdadeira prática da penitência consiste em uma vida centra em Deus, sustentada pela fé, que se nutre do encontro com Ele e com a realidade. Se exprime no conceito radical de Jesus e do Evangelho, comportando um processo contínuo de conversão e de libertação. Isto é, significa entrar na dinâmica do sentimento de Jesus no modo em que, a mente, o coração e a vontade são modelados segundo o Cristo.

- Obras de misericórdia: se não existe uma vida autêntica de penitência, não há gratidão ou generosidade. Nesse caso, os trabalhos de misericórdia se transformam no modo concreto através do qual o frade menor torna fértil a penitência. Ou seja, evitar que a penitência se concentre exclusivamente na autoperfeição, o que pode levar ao engano do egoísmo, escondido por uma vida ascética rigorosa. Francisco é mestre em desmascarar esses tipos de atitudes, características de uma pseudo santidade. O mesmo texto da Constituição confirma-o acima: “partilhamos fraternalmente com os outros pobres o que, por estrito perdão, nos chega da mesa do Senhor e praticamos com maior fervor as obras de misericórdia segundo o nosso costume tradicional”. O frade é convidado a abrir-se ao convite do Espírito Santo, é o Espírito Santo que renova todas as coisas, é Ele que cria e recria a existência e a capacidade de empreender uma nova caminhada. Sem uma vida unida no Espírito, qualquer forma de bem e bondade é impensável.

#### **d. Tempo litúrgico especial de penitência**

A liturgia e a celebração do tempo anual e cotidiano do plano divino da Salvação. Através dele, o frade menor celebra e aprende o movimento misericordioso de Deus: torna-se um menor e um frade. Nesse sentido, a liturgia é um espaço de formação e motivação para a prática da vida de penitência. A constituição propõe alguns momentos importantes:

- Quaresma: está prática é um modo de unir-se a Cristo na Igreja. Se trata de pregar, meditar e contemplar a paixão e morte de Cristo, no propósito de suscitar no frade o sentimento do Filho dileto.

- Sexta-feira: esta prática mira confirmar a vida do frade com a paixão e a morte de Cristo. A memória reconhece e atualiza o mistério da salvação, sensibilizando o frade na compaixão.

- Vigílias: Ação vigilante e sempre atenta, acrescenta a, esperança no frade, menor e nutre a dimensão escatológica da Ordem, como antecipação do Reino dos céus.

Essas altas práticas são para orientar e render a vida do frade menor mais alegria e coerência, a “não se mostre triste e hipócrita”, como Francisco mesmo fala. O frade menor é chamado a viver uma alegre penitência. Também é necessário mencionar a comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo. A união desses dois aspectos explica que a



penitência se tornara uma condição de vida na qual será sustentada no Corpo e do Sangue de Cristo.

### **3. PENITÊNCIA, RECONCILIAÇÃO E MISERICÓRDIA**

Outro importante núcleo temático apresentado na Constituição é o relacionamento entre penitência, reconciliação e misericórdia. Pode-se dizer que, no pensamento de Francisco, fazer penitência e usar de misericórdia é uma realidade intimamente conectada, como é bem expresso no Testamento. Nesse processo os leprosos tiveram um papel fundamental. Viver em meio a eles faz pensar, sentir e agir, mesmo mudando o espaço geográfico e também o conduzindo a uma nova forma de estar na sociedade e na Igreja. Francisco foi conduzido por Deus em direção até a periferia, em direção ao frágil e o pequeno: “São Francisco, pela graça do Senhor, começou a vida de penitência – conversão exercitando a misericórdia indo na direção do leproso e realizou seu êxodo do século.

#### **a. Penitência e piedade**

Francisco insiste em falar ao frade que deve evitar o pecado porque a consequência que deriva é extrema: isso desintegra o homem, cria desarmonia no projeto original de Deus para cada pessoa, quebra e danifica os níveis de relacionamentos fundamentais humanos com eles mesmos, com Deus, com os outros e a criação. O pecado cria uma desordem na relação que, a sua volta, gera um círculo vicioso, podendo dominar a existência do frade menor criando uns congestionamentos de lutas internas dividindo sempre mais a pessoa. Isto modela um coração agressivo e violento, ou a constante tendência de atacar e provocar o outro. O impulso a destruição não se manifesta só em um lugar geográfico, mas a sua origem é morada no coração desintegrado do homem. A proibição que Francisco dirige aos frades para que “não briguem e evitem disputas por palavras (cf. 2 Tim 2,14), e não julguem os outros...” destaca essa situação de não-paz. Consciente da consequência de infidelidade a Deus, o texto da Constituição nos convida a reconhecer, “o pecado em nós e na sociedade humana” tornar estável o empenho “a nossa conversão e a dos outros deve ser configurada a Cristo crucificado e ressuscitado”.

#### **b. Penitência e vida sacramental**

Mediante a remissão dos pecados, operada pelo Espírito Santo, recebendo o benefício da paixão e morte de Cristo. O pai guarda o mundo por meio da cruz do Filho, restituindo as coisas segundo a origem e dignidade do Filho. A paixão e morte do Cristo manifestam o poder da misericórdia do Pai. O frade intimamente unido a Igreja experimentando a ação misericordiosa e vivificante da graça: “Mediante o sacramento da penitência o da reconciliação, por obra do Espírito Santo, que é a remissão do pecado, enquanto experimentamos o benefício da morte e ressurreição de Cristo. Participamos mais intimamente da Eucaristia e ao mistério da Igreja. A penitência evangélica é vivida na comunidade dos batizados, porque a vida renovada do frade é um testemunho do amor de Deus. O sacramento da reconciliação purifica e cura o frade não só por si

mesmo, mas antes em vista à uma cura comunitária. Os frades reconciliados e purificados, como autênticos menores, promovendo a reconciliação e a conversão fraterna com todos os homens: “Este sacramento não só é individual ao frade, mas também a comunidade do frade é purificada e curada por estabilizar a união com o Salvador e juntos reconciliar-se com a Igreja. A celebração comunitária do perdão abre a possibilidade a uma dimensão universal e inclusiva da experiência da misericórdia do Pai. Nesse sentido a graça celebrada e recebida no sacramento, que purifica e renova o frade, contribuindo para reforçar “o empenho da fidelidade para a nossa forma de vida”. A fidelidade e a perseverança vão além da permanência na Ordem, porque vão além, principalmente orientados para a realização da vida evangélica, que comporta um processo cotidiano e concreto, a missa e a prática da Regra, a própria vida dos Frades Menores. Isso é pertencer e participar da vida da Ordem e da Igreja. De certo ponto de vista se compreende algumas recomendações práticas:

- A frequente celebração do sacramento da reconciliação. Os frades recebem o poder de se confessar de acordo com as normas da igreja e da Ordem. Além disso, eles mesmos são convidados a confessar seus pecados a qualquer sacerdote autorizado: “tenhamos a gradíssima estima ao sacramento da reconciliação aproveitando-o frequentemente. Reconciliados com Deus, empenhamos a difundir o seu amor entre nós, através do perdão recíproco e promovendo a reconciliação fraterna”. No mesmo tempo os frades confessores devem cultivar e praticar um coração gentil para evitar de ficar com raiva e perturbar-se com o pecado do próximo. Isso exigiria considerar não apenas a frequência com que o sacramento é praticado, mas também a forma como é celebrado e as repercussões na vida cotidiana.

- O exame de consciência cotidiano e o acompanhamento espiritual. Isto é uma prática não só recomendada para os outros, mas um instrumento eficaz na vida do frade mesmo, que reflete a seriedade de cultivar e cuidar da própria vocação: “Também prezamos muito o exame de consciência diário e o acompanhamento espiritual, para poder responder com generosidade aos impulsos do Espírito e orientar-nos decisivamente para a santidade”. A animação do guardião também toca nestes importantes aspectos, favorecendo a vivência de uma vida penitencial orientada para o processo de desenvolvimento espiritual do frade.

- Celebração comunitária da penitência. Este meio ajuda os frades a não perder de vista a dimensão social da conversão que diz respeito principalmente à fraternidade, à Igreja e à sociedade: “Conscientes da dimensão social da conversão, procuremos praticar a celebração comunitária da Penitência tanto em nossas Fraternidades como com o povo de Deus”. Essas iniciativas podem ajudar a restaurar a paz e a harmonia entre os frades e entre os homens. A misericórdia de Deus celebrada e compartilhada ajuda a criar e promover ambientes de reconciliação, solidariedade e justiça.

### **c. Penitência e misericórdia**

Toda a fraternidade está envolvida no pecado ou na fragilidade do frade: “Amándonos com a mesma caridade com que Cristo nos amou, se um frade se encontra em dificuldade, não lhe escapemos, mas ajudemo-lo com zelo. Se ele caiu, lembremos que cada um de nós cairia em situações piores, se o Senhor em sua bondade não nos preservasse. Não somos, portanto, seus juízes, mas verdadeiros irmãos e o amemos

ainda mais". Trata-se de cuidar da vida dos frades e abrir as portas do perdão sem condenar ou separar. Não fuja do frade em dificuldade, mas pratique o acolhimento e a aceitação dos outros: "Bem-aventurado o homem que oferece apoio ao próximo na sua fragilidade, nas coisas em que gostaria de ser amparado por ele, se encontrasse em um caso semelhante". Trazer a fragilidade do outro é um paradigma criptológico que o frade é convidado a reviver no movimento misericordioso: "Olhemos atentamente, todos os irmãos, para o bom pastor que sustentou a paixão da cruz para salvar suas ovelhas". Isto implica o grande desafio de criar ambientes de misericórdia através de atitudes concretas, como indicam as Constituições, com base na Carta a um Ministro. Em relação a esses comportamentos recomendados, deve-se observar o seguinte:

- Não difamar ou caluniar. Essas ações são totalmente contrárias à minoridade, porque o frade atribui a si mesmo o direito de julgar, e, portanto, se coloca acima dos outros, segundo os critérios da autoridade moral. Francisco convida seus frades a evitar os vícios de detração e murmuração, contrários a Deus. Não julgar o outro é o resultado de conhecer e buscar a si mesmo: de fato, neste caso, a pessoa se concentra em seus próprios defeitos, reconhece seus lados obscuros, sabe que também pode cair exatamente no que critica nos outros. Além disso, quando o outro comete um pecado, não se deve escandalizar, mas lembrar-se de seus pecados.

- Misericórdia e custódia. Ativam sentimentos de compaixão e ternura para com o outro que está em sofrimento e erro. Eles poderiam ser metaforicamente traduzidos na imagem da construção de um muro de contenção para proteger o irmão, evitando qualquer tipo de preconceito ou rótulo. É a arte de aprender a honrar a vida dos outros, com suas virtudes e seus defeitos, mantendo o pecado do outro em segredo. A confidencialidade e a guarda nascem de um coração pacífico e humilde, atitudes fundamentais de pobreza de espírito e minoridade.

O guardião tem um papel importante e fundamental. O termo 'guardião', de fato, carrega, em si, uma conotação afetiva de cuidado e preocupação com o outro. No entanto, seu papel não se restringe ao cuidado do outro, mas inclui o apoio na realização do seguimento de Cristo. O guardião não só defende, protege e cuida dos frades em suas diversas necessidades, mas faz tudo isso ordenando-os à fidelidade evangélica dos frades a ele confiados. A função do guardião e ministro é conduzir os frades a Deus. O modelo é o Bom Pastor, para quem deve procurar recriar os sentimentos de Jesus "que quis salvar as suas ovelhas, carregando a paixão da cruz". Deve também acolher os frades com grande disponibilidade de coração e com um olhar benevolente: "Que os ministros e guardiães estejam próximos com paternal misericórdia dos frades que pecam ou estão em perigo, e lhes ofereçam uma ajuda adequada e eficaz segundo Deus". Os frades, especialmente os que se encontram em situação de fragilidade, são convidados a ser ajudados e acompanhados, acolhendo humildemente o dom da graça e da solidariedade fraterna. Outro aspecto importante do papel do guardião e ministro é a reparação em caso de dano presumido devido à conduta imprópria dos frades: "Com a mesma preocupação, na medida do possível e dentro de suas faculdades, os ministros e para com as pessoas ou comunidades, possivelmente prejudicadas pelos pecados dos frades".

As Constituições são baseadas no espírito do Irmão Francisco expresso na Legenda menor. Este belo texto oferece uma maravilhosa pedagogia da misericórdia, sobre a qual fundamentar as relações interpessoais entre os frades e com todas as pessoas em

geral. Deste modo, a disciplina e a correção permanecem revestidas de paciência e humildade, como sublinham as próprias Constituições: “com amor e verdade, procuremos praticar a correção fraterna que Jesus nos ensinou”. O texto da Legenda menor: “e nisto quero saber se você ama o Senhor e me ama, seu servo e seu, se você tomará seu tempo desta forma, isto é: que não há frade no mundo que pecou, tanto quanto possível para pecar, para que, vendo os teus olhos, não vá embora sem a tua misericórdia, se a pedir; e se ele não pede misericórdia, você pergunta se ele quer misericórdia. E se depois ele pecou mil vezes diante de seus olhos, ame-o mais do que a mim por isso: que você o atraia para o Senhor; e sempre tenha piedade de tais irmãos”.

A prova da autenticidade do amor ao Senhor é o amor ao irmão. Acima de tudo, o exercício do amor em uma situação particular, que envolve pecado e ofensa. O amor se encarna no movimento misericordioso com o outro: “Nisto quero saber se você ama o Senhor”. O texto da Legenda menor destaca alguns elementos e atitudes fundamentais de penitência do ponto de vista da misericórdia, são úteis para cada situação e devem reger as relações fraternas entre os frades menores:

- “A situação do pecado”. A realidade a que Francisco se refere não é um único pecado cometido pelo frade, mas “que ele pecou, quanto é possível pecar”, ou seja, é uma situação moral e existencial em que fica preso, correndo o sério risco de aceitar e ouvir a voz do mal, permanecer surdo à voz do amor, permanecer na desconfiança, no subterfúgio, etc. A situação do frade, neste caso, não deve gerar rejeição, julgamento ou punição como reação, mas deve ser vista como uma ocasião para “fazer misericórdia” com ele.

- “Depois de ver seus olhos”. O texto não faz menção à pedagogia discursiva, não diz absolutamente nada sobre o uso das palavras, a necessidade ou a importância do dizer. Pelo contrário, a linguagem de sinais é usada: veja, olhe. O olhar é o que torna a misericórdia evidente. No entanto, antes que a misericórdia se torne transparente no olhar, ela deve ter feito morada permanente no coração pacífico e reconciliado do servo de Deus. Deus olha para seus filhos com misericórdia. Desta lógica deriva a equivalência entre a expressão “os teus olhos” e a imagem do espelho em que se reflete a misericórdia de Deus para com o outro. A existência do Frade menor se transforma em presença, isto é, em lugar teológico da misericórdia. No encontro e no acolhimento, o frade que pecou experimenta a misericórdia de Deus: neste caso, o frade torna-se o rosto visível da misericórdia de Deus para o seu irmão.

- “A perseverança da misericórdia”. A misericórdia para com o frade que peca nunca pode acabar e nunca pode ser abolida, mesmo que o frade “pecou mil vezes diante de seus olhos”. O movimento misericordioso de Deus não para por causa do excessivo pecado de infidelidade do seu povo. Ele permaneceu fiel sempre. Francisco não indica, neste caso, permanecer fiel à vigilância da conduta moral, mas convida os frades a permanecerem fiéis à misericórdia de Deus. Esta constância faz com que o ciclo do pecado seja superado pelo espiral do amor de Deus recriado no encontro e na acolhida do frade.

- “Atrair o outro para Deus”. O objetivo final da práxis da misericórdia é atrair o frade para Deus. Nesse sentido, o objetivo final é muito mais alto do que simplesmente usar a misericórdia, que, na verdade se torna um trampolim e um impulso para a misericórdia de Deus. Pedagogia de Francisco, neste caso, não prevê inicialmente a correção, mas a

misericórdia, cuja finalidade é conduzir, aliás, arrastar (*trahas*) o frade para Deus. É a lógica evangélica de setenta vezes sete. Isso coloca o frade no extremo dinamismo de tomar a iniciativa: “e se ele não pede perdão, você pergunta se ele quer ser perdoado”.

- “Dar misericórdia”. Francisco está ciente que a situação de pecado ou fragilidade não é agradável para quem a sofre. Muitas vezes eles nem se sentem no direito de pedir perdão. Convidar os frades a oferecer misericórdia gratuitamente nos permite superar essa limitação e tornar a misericórdia efetiva na vida daqueles que empobreceram e esfriaram sua existência, afastando-se do amor pleno e transbordante de Deus.

Esses versículos do Legenda menor mostram a misericórdia de Deus; o *cantus firmus* é a misericórdia divina, o remédio eficaz para curar as feridas humanas, especialmente as geradas pelo pecado. No entanto, a correção exercida com caridade e prudência é a outra face da misericórdia que busca restaurar o interior e a dignidade do homem. Como indicam as Constituições, em casos extremos, quando os guardiães ou ministros devem impor uma sanção: “Não devem impor penas, especialmente as canônicas, a menos que sejam forçadas por manifesta necessidade e devem fazê-lo com grande prudência e caridade, sem prejuízo, porém, das prescrições do direito universal. No entanto, no mesmo espírito, os ministros também podem tomar outras iniciativas necessárias tanto para o bem da comunidade e da sociedade quanto para o bem do irmão”. Um aspecto importante é a prevenção de qualquer tipo de conduta em detrimento da dignidade pessoal e dos outros, especialmente os frágeis e marginalizados.

## CONCLUSÃO

As considerações sobre a penitência segundo as Constituições dos Capuchinhos denotam a importância insubstituível que ela tem para o seguimento de Jesus, entendida como meio tédio ou conversão, a penitência requer a transformação total do ser humano à imagem do homem novo recriado em Cristo. A penitência não é antes de tudo uma consequência do esforço humano, mas um dom de Deus e um meio pelo qual aqueles que são abençoados por Ele avançam no caminho para o Pai; por isso mesmo, os penitentes se enquadram na categoria dos pobres, que recebem tudo de Deus. Portanto, o dinamismo da penitência deve caracterizar toda a vida do cristão, exigindo uma assunção de responsabilidade, perseverança e cuidado com o dom recebido da vocação. Ultrapassa os limites de um comportamento ascético inserido numa mera visão individualista de perfeição, pois leva à redescoberta de Jesus Cristo no outro. Isso significa que ela se manifesta por meio de frutos, ou seja, sinais concretos, que dão credibilidade a quem afirma praticá-la. É preciso ter presente a correspondência entre a penitência e a decisão de mudar de vida, que se exprime no arrependimento, contrição e fidelidade ao bem. À luz de tudo isto, a penitência é um requisito indispensável para alcançar a realização da verdadeira imagem do homem: Cristo, o enviado do Pai. Ele é o rosto visível e concreto da misericórdia do Pai que, por sua vez, é o fundamento da fraternidade e da minoridade.